

“Por Hoje Não Vou Mais Pecar”: A Renovação Conservadora do Catolicismo Brasileiro e a Homossexualidade

Frederico Alves Mota¹
Regina Célia Lima Caleiro²

Resumo: Segundo o censo do IBGE de 2010 os carismáticos vêm sendo o setor da Igreja Católica que apresentou os maiores índices de crescimento na última década. Este crescimento, em parte pode ser atribuído a sua excelência na utilização dos meios de comunicação como forma de disseminar a moral cristã. O presente artigo apresenta resultados referentes a uma dissertação de mestrado desenvolvida entre 2011 e 2013 e que teve como objetivo analisar o discurso da Renovação Carismática Católica referente à homossexualidade a partir de artigos publicados no site da Comunidade Canção Nova entre 2000 e 2010 que abordaram aspectos diversos ligados à expansão dos direitos aos homossexuais. Utilizamos como referencial teórico um dispositivo de análise norteado pela Nova História Cultural pautado pelas contribuições dadas pelo estudo das Representações Sociais.

Palavras-Chave: Renovação Carismática Católica; Homossexualidade; Brasil; Discurso; Representações Sociais.

"For Today I Will Not More Sin": The Conservative Renewal of Catholicism and Homosexuality Brazilian

Summary: According to the sense of the 2010 IBGE Charismatics have been the sector of the Catholic Church showed the highest growth rates in the last decade. This growth can be attributed in part to its excellence in the use of media as a way to spread the Christian morality. This article presents the results of a dissertation developed between 2011 and 2013 that aimed to analyze the discourse of the Catholic Charismatic Renewal regarding homosexuality from articles posted on the New Song Community between 2000 and 2010 that addressed various aspects linked to the expansion of rights for homosexuals. Used as a theoretical device analysis guided by the New Cultural History guided by the Analysis and Social Representations.

Keywords: Catholic Charismatic Renewal; Homosexual; Brazil; Speech; Social Representations.

¹ Mestre em História pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual de Montes Claros -Unimontes. fred.historia@yahoo.com.br

² Doutora em História pela UFMG. Professora do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. regina.caleiro@hotmail.com.br

Introdução

O advento do século XXI trouxe à tona a ampliação do debate acerca das diversidades culturais, sexuais, políticas, religiosas e étnicas no mundo contemporâneo. Os debates ocupam espaço nas universidades, mas também nas esferas políticas e jurídicas amparados pela bandeira dos direitos humanos. Em inúmeros aspectos o discurso religioso e dos grupos defensores dos direitos humanos são convergentes. Contudo, quando o assunto é sexualidade existe uma tensão entre os posicionamentos. Apesar das semelhanças no modo de pensar dos dois grupos também existem temas que os fazem divergir, como o discurso sobre a homossexualidade.

Pensando a religião enquanto uma prática social, é interessante considerarmos que os indivíduos esperam algo do discurso religioso. Este tem como função justificar a existência humana partindo de uma suposta ordem sobrenatural responsável por fornecer uma resposta que orientaria as práticas dos sujeitos. A crença na eficiência das representações religiosas promove uma adesão aos discursos de maneira que tal perspectiva aplicada ao nosso objeto aponta para a Renovação Carismática como um grupo responsável por manter em funcionamento um discurso peculiar acerca da homossexualidade. Ficou constatado que, ora o discurso estimula antigas representações acerca de uma sexualidade humana que é alvo constante da eterna disputa entre Deus e o Diabo, reforçando os posicionamentos historicamente assumidos pela Igreja Católica. Por outro lado, emerge das fontes um discurso que busca adaptar-se à conjuntura de fragmentação das identidades entendidas como fixas pelos carismáticos, buscando dialogar com a diversidade sexual e propor uma solução para o que considera um problema estabelecido. A solução do problema alia-se a uma proposta de cura, estimulando assim antigas representações de uma homossexualidade patológica.

As representações são criadas por uma necessidade do ser humano de adaptar-se, compreender e justificar seus posicionamentos no contexto histórico em que vive. Por não vivermos isolados e compartilharmos tantas experiências é que as representações são sociais, além disso, fundamentais para a nossa vivência. Elas são responsáveis por nos ajudar a definir de forma conjunta a diversidade cultural e social em que estamos inseridos e assim, acabam tornando-se elementos importantes na produção e manutenção das identidades sociais. É preciso considerar ainda que as mesmas estão presentes principalmente nos discursos e são, pela sua relevância, uma perspectiva de análise importante para as ciências humanas.

Bronislaw Bazcko (1985) afirma que a imaginação social não é um poder autônomo, mas é fruto da atividade social e de seus atores. O imaginário social é parte do sistema simbólico que toda sociedade constrói de forma que se torna parte dos elementos que constituem as identidades estabelecendo o lugar ocupado, assim como os papéis a serem encenados pelos atores sociais. Cria-se, portanto, uma espécie de imagem global em que cada sujeito tem um lugar no qual foi investido. A elaboração desse processo acaba por eleger formas de difundir as representações assim como os grupos e instituições responsáveis por zelar pela manutenção dessa ordem produzindo regras e transgressões. Dessa perspectiva, o imaginário social é um dos elementos que regulamenta a vida em sociedade tornando-se responsável pela distribuição de privilégios e punições. O imaginário social enquanto um elemento capaz de exercer controle sobre a vida em sociedade legitima relações de poder assim como instituições que participam de um universo simbólico onde estão representadas inúmeras disputas pela dominação do imaginário coletivo. As instituições religiosas são parte deste processo. As representações sociais seriam então uma forma utilizada pelos indivíduos e seus grupos na intenção de dar sentido e estabelecer o real (PESAVENTO, 1995). Partindo destas premissas é que as fontes utilizadas na pesquisa foram analisadas.

Após a leitura de algumas postagens no site da comunidade carismática, conhecida como Comunidade Canção Nova, observamos que as mesmas buscavam sugerir um modelo de sexualidade ideal tanto para pessoas solteiras como para as casadas. Foi constatada a existência de uma vasta e também diversa produção com a temática de uma sexualidade controlada sugerindo então uma “verdade” sobre o sexo. Tais representações entendidas por nossa pesquisa como um tipo de conhecimento elaborado e partilhado com objetivos práticos que contribuem para a construção de uma realidade comum a um conjunto social (JODELET, 2001) são responsáveis por produzir o sentimento de que existem comportamentos e grupos que devem ser repudiados e práticas que devem ser evitadas ou corrigidas. Este é um ponto relevante para nossa análise visto que, estabelecer normas e padrões de gerenciamento do corpo é um procedimento que tende a produzir relações sociais específicas visto que os rumos da vida dos indivíduos acabam sendo influenciados por tais representações. “Portanto, a ação do poder sobre o corpo atua para a normatização do comportamento a partir do adestramento e da imposição” (MONDARDO, 2011, p. 04).

A noção de representação aplica-se ao que foi constatado a partir da análise das fontes, pois, insistentemente a homossexualidade é tratada como um desvio de comportamento passível de cura e que o ideal de sexualidade saudável dever ser a

monogamia heterossexual. Nessa perspectiva o homossexual deve evitar práticas com pessoas do mesmo sexo e aderir ao celibato. Contudo, esta é uma questão complexa na doutrina da Igreja, pois, se o ideal para o homossexual é o celibato, o que sustenta a posição que faz restrições ao homossexual para a prática do sacerdócio? ³

A pergunta que norteia a análise a qual nos dedicamos é: como a homossexualidade foi abordada nos discursos pelo movimento carismático, frente às demandas sociais pelo reconhecimento das diversidades sexuais no período entre 2000 a 2010, através de sites e blogs mantidos por membros da Renovação via Comunidade Canção Nova? Estamos trabalhando com a hipótese de que vivenciamos um momento em que há uma articulação por parte de alguns setores da sociedade, em especial os religiosos, com o objetivo de dificultar a expansão dos direitos civis aos homossexuais. A campanha liderada pela bancada religiosa na Câmara e no Senado contra a criminalização da homofobia demonstra o posicionamento destes grupos. Ao que parece, o discurso carismático disponibilizado através de comunidades como a Canção Nova e sua bem articulada rede de meios de comunicação⁴, acaba por se tornar parte de uma articulação que tem como consequência criar entraves à expansão dos direitos civis destes grupos.

O que nos interessa neste artigo não é discutir a verdade proferida pelo discurso religioso, mas as relações que esses discursos estabelecem com a sociedade e quais são os objetivos que almejam. Do ponto de vista metodológico, entendemos que uma abordagem satisfatória deve dialogar com um referencial histórico crítico, onde as práticas discursivas devem ser associadas à conjuntura maior. É preciso considerar que os discursos proferidos são direcionados a um público específico, em uma época e em

³ A igreja entende que a tendência homossexual não é pecado, apenas a prática é entendida como tal. Segundo o documento da Congregação para a Educação Católica do dia 31 de agosto de 2005 que estabelece critérios para a aceitação de seminaristas, aqueles que têm tendências homossexuais fortemente enraizadas não são permitidos, assim como os que são favoráveis a uma cultura gay, também não podem ser admitidos nos seminários. Após os inúmeros escândalos envolvendo a Igreja, o então, papa, Bento XVI decretou publicamente a interdição do sacerdócio a homossexuais e nomeou dom Cláudio Hummes prefeito da Congregação para o Clero, entre outras coisas, devido a seu reconhecido controle sobre a homossexualidade nos seminários da Arquidiocese de São Paulo (SOUZA, 2007).

⁴ Para este trabalho foi utilizada a definição de John B. Thompson que considera os meios de comunicação como um conjunto de instituições e produtos. Geralmente essa definição é associada ainda ao termo comunicação de massa. Buscaremos abordar essa comunicação de massa levando em consideração não a quantidade de sujeitos que recebem os conteúdos simbólicos e sim o fato de que esse conteúdo é disponibilizado à maior quantidade possível de indivíduos. Essa perspectiva destoa do que até então vinha sendo defendido pelos teóricos da Escola de Frankfurt defensores de uma visão negativista dos meios de comunicação onde os indivíduos seriam manipulados pelos mesmos sem nenhum tipo de escapatória. A abordagem aqui proposta entende os meios de comunicação como um espaço que proporciona a interação entre a mensagem e seu receptor, sem que o enunciador seja capaz de controlar totalmente as formas com que o sujeito recebe e interpreta a mensagem.

um contexto peculiar. O campo religioso brasileiro tem se mostrado um espaço rico em possibilidades para os que se interessam pelo tema.

“Deus é Dez”: A atual face do pentecostalismo católico

A utilização dos meios de comunicação social e de recursos da modernidade tem proporcionado uma nova roupagem às religiões, tornando-as para muitos seguidores mais atrente e despojada. A utilização de técnicas para atrair e fidelizar os sujeitos como é o exemplo do *slogan Deus é Dez*, criado por uma agência de marketing e publicidade e posteriormente utilizado como letra de música pelo movimento carismático, tem garantido uma boa adesão considerando-se que os carismáticos representam na atualidade o seguimento católico que mais tem crescido no Brasil desde a sua chegada ao nosso território em meados da década de 1960. Outro aspecto importante diz respeito ao seu forte caráter empresarial que tem feito uso de técnicas do marketing e da propaganda para a divulgação e comercialização de produtos para seus “clientes” com a marca do movimento. Na fala de um dos seus expoentes é notório esse ponto de vista.

Acredito que a Igreja Católica precisa encontrar seus clientes. Utilizando um termo de Marketing, temos o melhor produto possível que é Deus ; o melhor preço possível que é grátis ; uma rede mundial de distribuição bastante ampla ; mas ainda temos que fazer muito barulho. O nosso produto tem que ser uma experiência de Deus (Eduardo Doughert, O Globo, 5/10/1997).

A fala do Padre Eduardo Doughert aponta para as posições assumidas pela RCC de colocar a Igreja Católica como uma empresa e Deus como um produto dessa empresa que deve ser consumido e amplamente divulgado junto às mídias. Em fins da década de 1980 e princípio da década de 1990 os caminhos necessários para a concretização desse projeto foram sendo pavimentados de maneira a tornar possível usá-las para evangelizar e diminuir a evasão de fiéis da instituição, assim como amenizar os possíveis efeitos perniciosos dos meios de comunicação sobre os indivíduos.

De forma breve traçaremos a trajetória do movimento carismático até sua chegada ao Brasil e o advento da comunidade Canção Nova, precursora na utilização das mídias sociais como mecanismo de difusão de sua mensagem possibilitando a disponibilização ao maior número de pessoas do seu conteúdo simbólico.

O movimento carismático nasceu nos Estados Unidos mais especificamente no estado da Pensilvânia por volta de 1967 e inspirou-se na passagem bíblica dos atos dos apóstolos referente ao pentecostes. Uma de suas metas é a busca por uma experiência mais profunda com o Espírito Santo. Para os católicos, todos os que receberam os sacramentos como o batismo, a eucaristia e o crisma já estão batizados pelo Espírito

Santo. Para os carismáticos este segundo batismo no Espírito deveria representar um momento de experiência sensível e consciente, uma atuação do Espírito Santo na vida do fiel que permitiu tal experiência.

Por volta de 1966 um pequeno grupo de religiosos se reuniu na cidade de Pittsburgh em busca de uma realização espiritual com o Espírito Santo semelhante a dos cristãos primitivos. Buscaram então um momento de oração diária invocando a ação do Espírito Santo sob suas vidas. Tal experiência de fato ocorreu, segundo os participantes, em fevereiro de 1967 após um dos grupos de oração, onde, as pessoas ali presentes alegam ter sido “Batizadas no Espírito Santo”. A experiência se espalhou por vários estados da América do Norte e a partir desse episódio o objetivo do movimento passou a ser a busca por legitimidade junto ao Vaticano. O reconhecimento veio no ano de 1973, durante o pontificado do Papa Paulo VI que manifestou a sua aprovação. Foi posteriormente reafirmada por João Paulo II no ano de 1980 ao considerar como positiva a ação do Espírito Santo entre os fiéis através destes grupos de oração que garantiriam a multiplicação dos carismas. A partir da aprovação papal o movimento cresceu e se espalhou pela cristandade estando hoje presente em todos os continentes.

O início da utilização das mídias modernas, como a televisão, como meio de evangelização pelos católicos se deu nos Estados Unidos a partir do americano, católico e empresário Bobby Cavnar, que, segundo Brenda Carranza (2000), tinha como meta combater os pentecostais usando de suas técnicas bem como afastar a América Latina da influência crescente da Teologia da Libertação e do pensamento comunista. Este catolicismo pentecostal valoriza as questões sacramentais, onde a sua ação política social atuaria de forma assistencialista. Uma das críticas das CEBs aos carismáticos refere-se justamente a esse ponto, já que, na perspectiva da Teologia da Libertação, os problemas sociais do Brasil requerem uma política que ultrapasse as fronteiras do assistencialismo em prol de uma reforma política e social ampla capaz de mudar os rumos da sociedade. Em suas origens a Renovação Carismática traz uma valorização das tradições em contraste com a opção preferencial pelos pobres que trouxe como bandeira o emprego do evangelho para a melhoria das condições sociais dos mais carentes.

Diante deste quadro, a Igreja Católica assumiu então a sua posição no mercado do televangelismo lançando mão do uso de técnicas semelhantes aos pentecostais, mas com um claro posicionamento de combate aos mesmos. Estava estabelecido um novo campo de disputas.

No Brasil, o Padre Jonas Abib, fundador da Comunidade Canção Nova esclarece aos carismáticos que a ideia de fundar uma comunidade preocupada com a evangelização a partir dos meios de comunicação, surgiu do documento do papa Paulo VI. Segundo ele, uma das principais características da comunidade se resume na afirmação: “Fomos gerados para os meios de comunicação” (ABIB, 2010, p.82). O padre afirma que recebeu uma série de sinais que indicavam que a vontade de Deus era que a comunidade se dedicasse à evangelização a partir dos meios de comunicação. O primeiro desses sinais teria sido emitido a partir do Padre americano Eduardo Doughert que trouxe em 1979 um duplicador cassete de dois mil dólares e doou à comunidade, visando a reprodução das palestras proferidas nos encontros realizados. Esse episódio é relatado pelo Padre Jonas como “O senhor nos empurrando para os meios de comunicação” (ABIB, 2010, p. 83). Posteriormente, foi criado um departamento encarregado de reproduzir e comercializar o material da comunidade: DAVI – Departamento de Audiovisuais.

No entanto os sinais divinos não cessaram. O padre decidiu então que a comunidade deveria adquirir uma rádio própria. Essa decisão foi tomada após o relato do senhor Amauri Portugal⁵ que alegou ter tido uma visão da Comunidade Canção Nova com torres altas de rádio e antenas de televisão (ABIB, 2010). A partir deste e de vários outros sinais o Padre Jonas comunicou ao Conselho da Renovação Carismática a sua pretensão de fundar a Rádio Canção Nova obtendo não só um parecer favorável, mas também a disponibilização de uma quantia em dinheiro para tocar o projeto. No dia 1º de Abril de 1980 a rádio Bandeirantes de Cachoeira Paulista foi adquirida pelo valor de 2 milhões de Cruzeiros, sendo que 1 milhão foi pago a vista no ato da compra e mais 5 parcelas mensais de 200 mil Cruzeiros. E os sinais continuaram.

Em 1989 o Padre Jonas decodificou mais um sinal de Deus ao se deparar com uma pintura em que Jesus saía de trás de torres de rádio. Naquele momento a sua interpretação foi: de torres de rádio saem sons, e não imagens. Ficou claro para o Padre que Deus desejava que a Comunidade Canção Nova evangelizasse pela televisão. No dia 8 de Dezembro de 1989, mesmo dia e mês da publicação do documento papal *Evangelii Nuntiandi* de 1975, após a compra de um transmissor de 40 mil dólares capaz de atingir a região de Cachoeira Paulista, o Padre Jonas inicia a sua investida rumo à televisão. No livro *Canção Nova uma obra de Deus*, o Padre Jonas relata que a aquisição de parte do dinheiro para a compra deste transmissor se deu de forma um

⁵ Não encontramos nenhuma referência sobre o senhor Amauri Portugal tanto na obra quanto em outros documentos referentes à Renovação Carismática.

tanto obscura. Ele diz ter sido procurado no meio da noite por um desconhecido que alegou já ter procurado a Rádio Aparecida e que lá haviam recusado a sua doação. O homem procurou então a Canção Nova para fazer a doação com uma única exigência: um recibo.

Quando ele abriu o pacote, o dinheiro dentro dele era justamente a metade dos quarenta mil dólares. Fui atrás do Eto e da Luzia. Naquela época, ainda não eram casados. No caminho, fui explicando a eles o que havia acontecido. A doação era muito grande. Aquele senhor não queria dar maiores explicações, apenas pretendia doar o dinheiro para uma obra de Deus, e precisava de um recibo provando que a doação tinha sido feita (ABIB, 2010, p. 102).

A emissora, até então de caráter regional, logo chegaria até o Rio de Janeiro e ao sul do país. Toda essa obra é fruto e se mantém pelas doações dos fiéis e de pessoas sensíveis à causa da evangelização através dos meios de comunicação. Uma preocupação da comunidade é fazer uso de uma linguagem simples objetivando apresentar aos necessitados as soluções de Deus para as suas aflições cotidianas. Contudo é importante pensarmos que operar um sistema de rádio e televisão requer mão de obra especializada e que seja conhecedora da linguagem da mídia. Em meados da década de 1980 o espaço midiático já era utilizado pelos neopentecostais dialogando com profissionais da mídia em busca de aperfeiçoamento. Os carismáticos passaram, a partir da década 1990, a fazer uso desses mesmos recursos e dessa forma o empreendimento passa a necessitar de uma maior organização tanto administrativa quanto da divisão de atividades.

A década de 1990 é considerada muito importante para o processo de globalização. Foi o período onde os meios de comunicação passaram a ser alvo das ações dos grandes empreendimentos capitalistas responsáveis por investir nesse setor promovendo uma situação que Rodrigo Duarte definiu como “pouco mais de uma dúzia de grandes corporações controlando quase toda a oferta de mercadorias culturais postas a disposição no mercado mundial” (DUARTE, 2007, p. 159). Além disso, as grandes corporações têm buscado diversificar seus investimentos nos quais os norte americanos se apresentam com destaque nesse tipo de atuação.

O padre norte americano Eduardo Dougherty, a quem já nos referimos anteriormente, foi um dos grandes mentores do movimento carismático no Brasil. Seu currículo apresenta uma considerável formação nas áreas de marketing e administração, além de ser considerado pelos carismáticos uma pessoa dotada de um perfil empresarial e empreendedor. “Com a disciplina de um monge e a obsessão de um executivo, Dougherty fundou a Renovação e foi pavimentando o seu caminho” (CARRANZA, 2000, p. 32).

Ainda na década de 1980, o Padre Doughert criou a Associação do Senhor Jesus, localizada em Campinas, que por muito tempo fez uso da distribuidora Louvemos ao Senhor para comercializar material religioso. Posteriormente criou o programa de televisão “Anunciamos Jesus” assim como a Fundação Centro de Produção Século XXI que possui atualmente uma revista de circulação nacional de mesmo nome, além de manter no ar alguns programas. Os empreendimentos do Padre Doughert são financiados por sócios colaboradores além do já citado comércio de artigos religiosos. Estes mecanismos de captação de recursos já vinham sendo utilizados pelos carismáticos norte americanos e, posteriormente, foram adaptados a realidade brasileira.

Segundo Brenda Carranza (2000) os carismáticos norte americanos deixaram claro as suas intenções de internacionalizar a evangelização através das mídias contando ainda com o apoio financeiro de carismáticos europeus como o casal Breninkmeyer, proprietários da cadeia de loja C&A. Além disso, o Padre Doughert recebeu do televangelista carismático Bobby Cavnar doações em torno de US\$ 100.000 mais equipamentos. Tudo isso para garantir o sucesso do empreendimento no Brasil (CARRANZA, 2000). Ao que parece, o empreendimento tem sido um sucesso.

A Renovação Conservadora do Catolicismo Brasileiro

A citação que se segue foi retirada do texto “*Senado prestes a aprovar perseguição religiosa: Manifeste-se. Amanhã pode ser tarde demais*”.

Além dos direitos previstos na Constituição para todas as pessoas, o homossexual, pelo simples fato de ser homossexual ganhará privilégios. O homossexualismo deixará de ser um vício para ser um mérito. E quem ousar criticar tal conduta, será tratado como criminoso. Os primeiros a sofrerem perseguição serão os cristãos [...] O projeto está pronto para a pauta e poderá ser votado (e aprovado) a qualquer momento. Se convertido em lei, (como tanto deseja o presidente da República), estará instaurada no Brasil uma perseguição religiosa sem precedentes causada pela tirania do homossexualismo. Lamentavelmente, os brasileiros, incluindo as autoridades não despertaram para a gravidade da situação (Padre Luiz Carlos Lodi da Cruz postado no dia 14/03/2007) (Grifo Nosso).

O texto foi disponibilizado no portal da Comunidade Canção Nova assim como vários outros textos, com o mesmo teor de indignação frente ao projeto de lei mencionado, redigido como forma do seu autor manifestar a sua indignação diante da possibilidade de criminalização de atitudes homofóbicas. Uma leitura possível aponta para o fato de que, na perspectiva do Padre Luiz Carlos, deve haver uma espécie de manutenção das desigualdades de gêneros hierarquizando a heterossexualidade e a

homossexualidade no campo jurídico. Além de fazer uso do termo homossexualismo e associá-lo a um vício, o posicionamento oficial do Conselho Federal de Psicologia⁶ acaba sendo deturpado gerando uma espécie de associação de um discurso jurídico e médico a um discurso religioso como se todos fossem complementares.

Sabemos que já na década de 1990 o termo homossexualismo foi substituído por homossexualidade. Abandonando esta terminologia, foram dados os primeiros passos para que a homossexualidade deixasse de ser entendida como doença. Em conjunto com essa medida o movimento LGBT passou a defender que todo tratamento que visasse a cura da homossexualidade seria uma violação aos direitos humanos. (MACHADO, 2010).

Além das mídias é importante considerarmos que as concepções que legitimam uma ordem heterossexual se fazem presentes junto às instituições que atuam no cotidiano, tais como as escolas. É justamente contra esta perspectiva hegemônica que os grupos ligados aos direitos humanos e o movimento LGBT, buscam ampliar os direitos das minorias para uma moral sexual laica. Maria das Dores Campos Machado (2010) nos alerta para o fato de que “os homossexuais foram socializados no seio de sociedades que rejeitam a homossexualidade incorporando os valores heterossexuais com os quais inúmeras vezes entram em conflito” (MACHADO, 2010, p. 117).

⁶ O Conselho Federal de Psicologia estabelece que: [...] que a forma como cada um vive sua sexualidade faz parte da identidade do sujeito, a qual deve ser compreendida na sua totalidade; [...] que a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão; considerando que há na sociedade, uma inquietação em torno de práticas sexuais desviantes da norma estabelecida sócio-culturalmente [...] a Psicologia pode e deve contribuir com seu conhecimento para o esclarecimento sobre as questões da sexualidade, permitindo a superação de preconceitos e discriminações (RESOLUÇÃO CFP Nº 001/99 DE 22 DE MARÇO DE 1999 e que estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual). É importante mencionarmos que no ano de 2009 a psicóloga Rosângela Alves Justino alegou que após ouvir um chamado divino através de um disco de Chico Buarque decidiu tratar as pessoas que precisavam de cura para a homossexualidade. Através de um tratamento baseado em uma técnica conhecida como psicodrama a psicóloga alegou a possibilidade de cura gerando polêmicas. Tais debates motivaram recentemente o deputado João Campos (PSDB-GO) a elaborar um projeto de lei que tem como objetivo suspender dois dispositivos da Resolução 001/99. O decreto legislativo de número 234/2011 questiona e sugere suspender a orientação dada pelo Conselho Federal de Psicologia de que os psicólogos não colaborem com eventos que proponham a cura para a homossexualidade. O segundo ponto questionado pelo deputado é o dispositivo que determina que os psicólogos não devem fazer qualquer tipo de pronunciamento público que dê a entender que os homossexuais são portadores de desordens psíquicas. Em nota publicada na Revista Psique de Fevereiro de 2013 o Conselho Federal de Psicologia representado pela figura de sua vice-presidente Clara Goldman fez o seguinte pronunciamento: “esse projeto exorbita a função do Parlamento, já que não constitui do Executivo federal, e sim de uma autarquia profissional, colocando como inadequada, juridicamente a suspensão dos dispositivos. A resolução do CFP existe com o objetivo de apenas preservar a boa prática profissional e preservar os direitos humanos para a livre manifestação sexual” (Revista Psique – Fevereiro 2013, p. 38).

A internet assim como a televisão e o rádio se tornaram veículos importantes na disseminação das mensagens do movimento carismático e se constituíram como uma importante ferramenta na evangelização e para a disseminação de conteúdos simbólicos que dialogam com o imaginário coletivo brasileiro quando o assunto é homossexualidade.

Considerando que este tem se tornado um espaço com amplo fluxo de informações que não raramente estão em competição, autores, como Paul B. Thompson, analisam o espaço midiático como uma forma de que “obter visibilidade na mídia é ganhar uma espécie de presença ou reconhecimento no espaço público” (THOMPSON, 1995, p. 19). A obtenção dessa visibilidade é fundamental para a disseminação de vários discursos, visto que pode ser utilizada para denegrir ou exaltar pessoas, grupo ou posições. Consideramos relevante pensar as disputas que ocorrem no campo religioso brasileiro sem negligenciar a importância que o espaço midiático tem ocupado na contemporaneidade. Consideramos ainda o fato de que tal espaço tem sido palco de inúmeras disputas que atingem números cada vez mais expressivos de pessoas e que seus conteúdos sugerem formas adequadas de vivenciar os embates da sociedade.

A Igreja Católica entendida aqui enquanto uma instituição portadora de um conjunto de normas que atravessaram séculos tem um projeto universalizante de condutas pessoais. Reconhecemos a pluralidade de concepções dentro do catolicismo, e a Renovação Carismática é um exemplo desta pluralidade. Dentro da própria Renovação Carismática existe esta pluralidade. Portanto, a Comunidade Canção Nova não representa a totalidade do movimento, contudo, tanto a Renovação Carismática quanto a Comunidade Canção Nova gozam de prestígio junto ao Vaticano o que vem a autorizar socialmente o movimento.

A história da Igreja Católica demonstra a sua habilidade em advogar em causa própria assim como sua capacidade de interferir nos rumos dos acontecimentos. Uma instituição com tal porte não poderia abrir mão de recursos tão importantes como a mídia para atingir seus propósitos. Quanto maior é o acúmulo de recursos por parte de uma instituição, maior será a sua capacidade de influenciar comportamentos. Contudo, instituições como a Igreja, de caráter global, precisam lidar com realidades plurais e exatamente por isso é que necessitam criar continuamente novas formas de interação.

Não se pode compreender a profundidade das mensagens contidas nas fontes aqui analisadas sem a compreensão do meio social em que as mesmas foram colocadas em circulação. As mensagens veiculadas pela mídia carismática foram analisadas nesta pesquisa como produtora de significados que são distribuídos para a sociedade

brasileira. Importa lembrar que esse processo não ocorre pela imposição, mas pela persuasão justificada em um longo processo histórico em que as relações sociais foram estabelecidas a partir do imaginário social.

Os discursos provenientes dos sites aqui analisados contribuíram para que a nossa análise compreenda aspectos da sociedade brasileira e seu campo religioso a partir das condições sócio históricas de emergência do mesmo. A perspectiva de uma análise crítica das fontes foi ampliada para aspectos além da abordagem linguística e proporcionou uma análise capaz de captar a materialidade da língua.

Ao construirmos o nosso dispositivo de interpretação, encontramos nas falas dos narradores disponibilizadas pelo site da Comunidade Canção Nova, aquilo que não é dito explicitamente. Não estamos em busca da verdade, e sim do que Orlandi definiu como “o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica” (ORLANDI, 2001, p. 59). As fontes nos mostraram um posicionamento que ora é carregado de um moralismo que tipifica a homossexualidade como pecado ou tipifica a mesma no campo das patologias. Este discurso atual traz em si resquícios de momentos históricos geradores de uma memória que funciona como produtora de sentidos. Isso justificaria a presença constante nas fontes do termo homossexualismo em detrimento do termo homossexualidade.

Entendemos que os membros da comunidade Canção Nova ao disponibilizarem a um público consumidor de suas mídias um discurso acerca da homossexualidade estão exercendo uma forma de poder autorizada através de uma instituição que é a Igreja Católica. No entanto, importa considerarmos ainda que os indivíduos que se identificam com a mensagem contribuem para a manutenção dessa relação de poder que hierarquiza a heterossexualidade sobre a homossexualidade em contextos que nada tem a ver com o religioso. Essa rede acaba sendo responsável por tornar essa relação de poder estável. A manutenção de uma rede que explora comercialmente os meios de comunicação faz com que os discursos sobre a homossexualidade se reproduzam aumentando assim o número de indivíduos que podem ou não identificar-se com esse conteúdo.

Ao colocar a homossexualidade em discurso a partir de meios técnicos⁷ como a internet os membros da Renovação Carismática tornam possível a interação com indivíduos a longas distâncias aumentando as suas possibilidades de influenciar o posicionamento de seus adeptos. A sua versatilidade, ao variar a utilização de meios

⁷ É o substrato material das formas simbólicas isto é, o elemento material com que, ou por meio do qual a informação ou o conteúdo simbólico é fixado e transmitido do produtor para o receptor. (JENKINS, 2009).

técnicos, aumenta o impacto de sua mensagem sobre a sociedade brasileira em um momento peculiar em que parte da sociedade civil tem se mobilizado em busca de levar às instâncias de poder o debate acerca da situação do homossexual no Brasil assim como o seu direito como cidadão. Ou seja, além de ser portadora dos recursos técnicos necessários para atingir um número estrondoso de receptores, os carismáticos contam com um imaginário coletivo propenso a receber e decodificar suas mensagens. Ao entrar em contato com a mensagem divulgada o receptor aciona todo um conjunto de conhecimentos já transmitidos culturalmente criando assim um ambiente propenso. Acreditamos que não basta que uma liderança carismática poste mensagens como a que selecionamos:

No meio de vários espermatozóides Deus me quis como homem. Ele me acolheu e a trindade me criou. E como satanás não tem a capacidade de criar, ele tem inveja de nós e coloca esta de homossexualismo – pois duas pessoas do mesmo sexo não podem gerar vida assim como ele [...] os homens gritem: “que maravilha sou eu!” você é uma obra linda de Deus. Deus vai poder criar mais vida através de seu pênis” (Pregação de Dunga postada em 27/08/2006 – PHN, Não a Impureza) (Grifo nosso).

Para que esse tipo de argumento não seja desacreditado é preciso que haja um receptor apto a decodificar a mensagem. É preciso que este sujeito seja portador de um instrumental que o torne capaz de interpretar a mensagem nos moldes em que é sugerido pelo enunciador. Para que o processo de compreensão ocorra é preciso um nível de reciprocidade entre a mensagem e o intérprete. Mesmo levando em consideração essa perspectiva que sugere a mediação entre a mensagem e o receptor, de um receptor interativo e não passivo, não podemos negligenciar o fato de que os meios de comunicação têm dado a sua parcela de contribuição para moldar o mundo em que vivemos por ter se tornado um veículo de transmissão cultural.

Basta lembrarmo-nos dos acirrados debates veiculados principalmente na televisão e na internet acerca do Plano Nacional dos Direitos Humanos bastante explorados durante a campanha eleitoral presidencial de 2010. Tais debates foram importantes para o avanço das questões ligadas aos direitos sexuais. No entanto, os grupos religiosos e os grupos formados por gays e feministas levantaram o debate sobre o aborto gerando uma divergência entre os religiosos que já vinham questionando as posturas assumidas pelo governo de Luiz Inácio da Silva que apresentou políticas simpáticas às demandas levantadas pelas feministas e homossexuais.

Naquela conjuntura a possível eleição da candidata do governo federal, Dilma Rousseff, representaria a continuidade desse projeto. A militância religiosa temerosa do avanço da oposição às suas bandeiras mobilizou inúmeros grupos cristãos que se uniram em uma campanha que buscou contestar a reputação dos candidatos além de associar os

defensores do aborto a uma imagem anti-cristã. O fato forçou os candidatos a manifestarem-se publicamente e cuidadosamente. Assim, evitava-se um acirramento dos ânimos que poderia vir a comprometer a eleição daquele candidato que não transitasse pela questão com a cautela exigida devido à situação delicada que se criou naquele momento.

Reiteramos o fato de que na contemporaneidade os estudos sobre as mídias são uma forma de analisar as diversas consequências geradas pela transmissão de conteúdos simbólicos por parte de grupos religiosos que disponibilizam sua visão de mundo à sociedade através desses recursos. Ao analisarmos o conteúdo dos textos carismáticos que abordam a temática da homossexualidade entendemos que os mesmos podem ajudar a moldar as maneiras pelas quais os indivíduos se relacionam com outros até a percepção que tem de si.

No dia 14 de Março de 2007, o Professor Felipe Aquino disponibilizou em seu Blog um artigo intitulado “*A lei da mordaca gay, os superdireitos gays, inconstitucionalidade e totalitarismo*” que segundo o blog é de autoria do Dr. Paulo Medeiros Krause que até aquele momento ocupava os cargos de procurador do Banco Central em Brasília (DF), sub-coordenador geral de processos de consultoria bancária e de normas (COBAN). Como o título já aponta o texto apresenta um argumento contrário aos debates que buscam trazer para o campo jurídico a ampliação dos direitos aos homossexuais. Recortamos algumas superfícies discursivas que são pertinentes à nossa análise, pois o autor evoca um discurso jurídico como forma de criticar as posturas do governo.

Um observador atento notará que a “causa gay” tem cada vez mais espaço e maior influência nos meios de comunicação de massa. Todos os dias os brasileiros recebem enxurradas, avalanches de propaganda da causa gay, pela televisão, pela mídia escrita e eletrônica, cinema, teatro, literatura, música, e universidades, estas, redutos do esquerdismo [...] Com Reinaldo Azevedo, jornalista da Veja, devo dizer que a verdadeira minoria no Brasil é composta de homens, brancos, católicos, heterossexuais e de classe média. Essa minoria, sim, apanha de todos os lados [...] A ideologia “politicamente correta”, que inspira a proposição sob exame, também pode ser chamada de “marxismo ideológico”. A referência talvez ajude a compreender a hostilidade a valores cristãos ou religiosos: o marxismo é materialista e ateu. É uma ideologia de esquerda [...] Apesar do crescimento descomunal da propaganda gay, a maior parte da população brasileira ainda é contrária ao casamento e à adoção de crianças por parceiros homossexuais. Por isso, os defensores da emancipação homossexual, hábeis na arte da hiperdramatização (chamam de homofobia o que não é), tentam o golpe capital: cortar a garganta de quem quer que ouse apontar para a imoralidade, a inaturalidade, a antijuridicidade, a danosidade social da prática da homossexualidade, impondo aos seus opositores os rigores da lei: a cadeia [...] Não se diga que a discriminação baseia-se no princípio da dignidade humana porque não há argumento lógico ou científico que demonstre ser o homossexualismo digno do homem. Ademais, os outros seres humanos

também são dignos. Mais ainda: como já afirmei em outro lugar, a homossexualidade não possui força jurígena⁸, não gera direitos.

Segundo o autor, a mídia é utilizada para favorecer o avanço do que ele chama de causa gay, ao mesmo tempo em que o próprio faz uso do mesmo meio técnico para protestar. Ao disponibilizar o currículo do autor do texto, fica clara a estratégia de conferir status social ao seu autor. Ou seja, é uma das formas de atribuir legitimidade à sua fala criando um efeito de que o mesmo gozaria de autoridade para abordar a questão com propriedade de causa.

Um aspecto digno de nossa atenção remete ao posicionamento manifestado e que dialoga com o imaginário social referente às divergências entre capitalistas e socialistas ao associar práticas políticas menos conservadoras e a universidade como um reduto do esquerdismo subversivo além de retomar a proposição de que o marxismo representa uma ideologia anti-cristã. Questões que por muito tempo permearam o imaginário da sociedade brasileira são colocadas em um mesmo texto criando um efeito de associação que contribui pouco para o debate em questão. O autor visualiza um modelo idealizado de sociedade pautado pelos valores que exaltam o homem branco, católico, heterossexual e burguês. Tal postura remete a um modelo que valoriza uma concepção que esbarra no panorama atual pautado por identidades fragmentas, fomentando tensões entre as partes. Tensões que são externadas no espaço midiático, configurado- o como um espaço de disputas. A fonte seguinte demonstra a indignação de uma leitora que se manifestou no mesmo blog em tom de protesto contra o texto.

Julia

31/08/2010 at 18:46

Um cristão chegou e me disse “Deus te ama incondicionalmente”, “amai-vos uns aos outros”, “perdoai as nossas ofensas, assim como os que tem ofendido”. Porque então a gente não faz o mesmo? Tive uma educação cristã a vida inteira e acredito que nós somos homens e mulheres de pouca vontade ao lado de Deus, só ele pode nos julgar, o que ele já NÃO o faz, incondicional é o que ele É! E é o que devemos ser! Pecadores são os que julgam. Porque tanto ódio no coração? Não é o contrário do que Deus prega? Vocês estão pregando os valores mundanos e não os cristãos, valores aprendidos em sua cultura ditados por homens do mundo, tenha certeza disso.

A internet proporciona uma forma de interação diferente da vida diária geralmente pautada pela comunicação face a face. Esse tipo de interação foi definida por Thompson (1995) como um campo de interação quase mediada e monológica. Fazendo alusão ao nosso objeto, a mensagem ao partir de um enunciador carismático e

⁸ O termo foi citado da forma como consta no Blog.

disponibilizado em um meio como a internet tem o poder de gerar reações distintas em pessoas localizadas de forma dispersa. A mensagem é simultânea, mas atinge também pessoas dispersas no tempo e no espaço, como é o caso da leitora Júlia que protestou quase três anos e meio após a postagem do texto do Dr. Paulo Medeiros Krause. Por outro lado, a leitora que se denomina como Camila faz outra colocação.

Camila

22/04/2008 at 03:38

Eu tenho a tendência homossexual, senti um chamado de Deus, aceitei sair dessa vida e buscar a conversão e a santidade, deixei um namoro de 8 anos a 3 anos, sofri e ainda sofro muito, mas com a graça de Deus tenho conseguido me abster da prática, me alimentando constantemente da Eucaristia, e agora, me engajando cada vez mais na igreja, leio livros e o site da canção nova direto, sou absolutamente contra essa loucura da teologia gay, só que percebo uma certa agressividade dos homossexuais quando falo da questão do pecado, riem de mim, enfim, temo por suas almas, e gostaria de uma resposta em meu e-mail, pq tem nascido tantas pessoas com este problema? O que a igreja tem feito por aqueles que como eu não querem viver isso? no meu caso o fator homossexual sempre teve tudo a ver com afetividade ferida, parece que no mundo tem nascido cada vez mais gays, o que é isso? Uma maldição? Sr Felipe me ajude por favor, graça e paz!

Como mencionado em outro momento, os discursos são produtores de identidades. Nesse caso, observa-se que a visão tradicional defendida foi capaz de captar uma dissidente, corrigindo e adequando-a. Tais fontes são bastante ricas para a análise pelo fato de estabelecerem pontos de consciência coletiva que acabam por exercer certo grau de influência na formação das sociedades.

Michel Foucault (1988) ao discutir sobre a construção de um dispositivo de sexualidade analisa que o mesmo é atravessado por práticas discursivas que são responsáveis por produzir e reger os atos sexuais disciplinando-os e estabelecendo as verdades sobre os corpos e de como fazer bom uso dos mesmos. Tal dispositivo seria fruto de contextos históricos específicos em busca de dar uma resposta às demandas da sociedade ditando o que é ou não permitido. Esclarece ainda que, por volta de 1870, a ciência médica passou a ocupar-se da homossexualidade criando todo um aparato de novas formas de controle. Por outro lado, os homossexuais passaram a produzir uma resposta a tais análises em busca da afirmação de uma identidade homossexual a partir de suas próprias perspectivas. No entanto, o autor apontou as limitações dessa militância ao dizer que a causa homossexual precisaria superar a sua fixação no sexo e propor debates capazes de fugir ao dispositivo de sexualidade. Ao proporem a afirmação de uma identidade homossexual os movimentos acabam por se enquadrar na

norma de maneira que esse discurso positivo sobre a mesma seria responsável por exercer um efeito que cria limites e restrições que reduziriam o indivíduo ao ato sexual. Para Foucault, o ideal seria propor uma análise capaz de compreender que tipo de novas relações poderiam ser estabelecidas pela homossexualidade.

Como vimos nas fontes, os leitores direcionam suas falas tanto para o autor do texto quanto para o responsável pelo blog. Pensando na perspectiva de emergência a citação acima assim como o comentário feito posteriormente por outro leitor do blog demonstra a emergência do sujeito que dialoga e se identifica com o posicionamento assumido pelo movimento carismático. Diferente da leitora Júlia que demonstrou uma posição de resistência ao discurso carismático, Camila é o exemplo claro da emergência do sujeito segundo os moldes propostos pela Renovação Carismática, pois ao abrir mão de sua homossexualidade a leitora optou por adotar o celibato passando assim a reproduzir um discurso que condena as práticas homossexuais. Além disso, reforça o estereótipo da homossexualidade enquanto patologia ao sugerir que a homossexualidade é um problema, mas ao mesmo tempo dialoga com as representações que a encaram como fruto de ações sobrenaturais ao se perguntar se a homossexualidade é fruto de uma maldição.

Como podemos ver o emissor não tem o controle total de como a sua mensagem será decodificada pelos receptores. No entanto, seria negligência não reconhecer que a mídia pode ser uma forma de compreender os embates da contemporaneidade. É inegável que o objetivo de quem produziu as fontes aqui analisadas é disseminar sua ideologia. Ideologia que busca reafirmar as relações de poder já existentes.

Valdemir

15/03/2007 at 17:48

Caro irmão Dr. Paul M. Krause, dou-te parabéns por sua manifestação, seja como profissional ou como filho de Deus. Não sou filósofo e não sei sua religião, mas sei com absoluta certeza de fé e convicção da razão que Deus quer todos os seus filhos com dignidade absoluta, porque somos livres pra fazer a vontade de Deus. E com certeza, se é dignidade que buscamos para o ser humano, esta o homossexualismo não nos trará. parabéns . que Deus o abençoe. Valdemir.

Algumas horas depois da postagem do Dr. Krause, nas palavras do leitor denominado Valdemir, percebe-se que o discurso religioso exerce uma influência responsável por orientar as suas práticas referentes à questão da homossexualidade e onde a religião é a principal referência para sua realidade. As posições transmitidas historicamente foram incorporadas por ele de maneira que o mesmo participa de um sistema de concepções que encara a homossexualidade como algo oposto à dignidade

humana. Além disso, o leitor inicia sua fala parabenizando o autor deixando expressa a existência de pontos de convergência entre a posição manifestada e o receptor que foi capaz de decodificar a mensagem e dialogar com a mesma. É possível que o discurso manifesto dialogue com as práticas de inúmeros sujeitos, pois o discurso religioso é uma das formas que os mesmos têm de visualizar a realidade e estabelecer o que é o real. Criam-se então preferências morais que elegem estilos de vida em detrimento de outros, ao mesmo tempo em que as ações passam a harmonizar-se com as diretrizes sobrenaturais que orientam as práticas do grupo religioso, sustentando ao mesmo tempo em que apoia as crenças. Ao ajustar os comportamentos das pessoas a uma suposta ordem sobrenatural o discurso religioso acaba por projetar essa ordem de maneira que exerce influência sobre as práticas sociais, ao ponto de a verdade divina tornar-se irrevogável. Esse procedimento estabelece então uma existência discursiva para a homossexualidade que acaba por ser ampliado ao fazer uso de ferramentas de alcance expressivo como é o caso da internet.

O trabalho do historiador deve ser pautado pelo rigor com que aborda seu objeto. A presente pesquisa ao dialogar com as mídias em uma perspectiva histórica buscou evitar o esvaziamento histórico com que muitas vezes os assuntos são tratados por aqueles que não estão familiarizados com o ofício do historiador. O pesquisador que aborda conjunturas recentes, o que muitas vezes não ocorre na atividade jornalística, precisa construir uma ponte entre o seu objeto e sua expressividade histórica, fugindo de uma abordagem que valoriza o acontecimento por si só.

A conjuntura histórica em que o nosso objeto se insere, no caso o discurso sobre a homossexualidade divulgado pela Comunidade Canção Nova é fundamental para que seja possível ouvir os ecos do passado assim como os elementos constitutivos do presente. Entendendo a história enquanto um processo, fez-se necessário estabelecer relações entre presente e passado de maneira que o objeto analisado foi compreendido de forma consistente em seu contexto. É nesse sentido que julgamos pertinente lançarmos nossos esforços sobre um passado recente para assim analisar de que formas o discurso religioso tem contribuído para a manutenção do imaginário coletivo brasileiro acerca da homossexualidade por meio das mensagens dirigidas à população.

É fato que o avanço dos meios de comunicação acabou por alterar as formas dos indivíduos se relacionarem com o passado. Cada vez mais as gerações dependem de formas mediadas para acessá-lo. Apesar da oralidade ainda ter um papel de peso na transmissão de conteúdos, a mesma tem operado cada vez mais em conjunto com os conteúdos produzidos e comercializados pela cultura midiática. As experiências

pessoais são ampliadas de forma que ao serem colocadas em contato com realidades até então distantes espacialmente os sujeitos estabelecem a possibilidade de uma sensação de pertencimento a “grupos e comunidades que se constituem em partes através da mídia” (THOMPSON, 1995, p. 62).

Ao analisarmos as fontes disponibilizadas por meio da internet compreendemos que as mesmas são responsáveis por estabelecer novas formas de interação entre o discurso religioso e o mundo social exercendo assim, um tipo de relação de poder capaz de extrapolar as fronteiras de um lugar comum com uma imensa rapidez e grande capacidade de alcance. Dessa forma foi possível compreender e identificar as permanências do discurso cristão acerca da homossexualidade. Um discurso que legitima a posição histórica da Igreja de entender o corpo como pré-discursivo, mas que também se adapta às conjunturas em que se inscreve. Adapta-se no sentido de que os grupos religiosos ligados à Igreja Católica têm buscado adequar-se a uma realidade onde predomina a fragmentação de identidades. Como forma de não perder esses possíveis consumidores, alguns carismáticos sugerem medidas corretivas para esse tipo de comportamento que pode ser o celibato ou através de um tratamento espiritual acompanhado de um tratamento psicológico como fica implícito no texto postado pelo professor Felipe Aquino.

Há fortes evidências de que ninguém nasce com a tendência ao homossexualismo, mas que esse desequilíbrio se desenvolve na criança ou no jovem por problemas familiares (separação, brigas etc.) Obsessão da mãe pelo filho, desinteresse e grosseria do pai, forte insegurança, experiência sexual fracassada ou traumática na adolescência, educação sexual mal conduzida e muitas outras causas não bem conhecidas (AQUINO, postado em 23/03/2006 – Os homossexuais são nossos irmãos).

Nas palavras do professor Felipe Aquino há indícios de que a homossexualidade não existe. Para ele o que existe é o homem e a mulher. O que é então o homossexual? A citação acima permite entender que é um ser desequilibrado e problemático profundamente necessitado de ajuda. Todos os exemplos utilizados pelo autor do texto como motivos para que o indivíduo desenvolva a homossexualidade dão margem para entendermos que a causa da homossexualidade é um tipo de trauma ou dano psicológico. Ou seja, o homossexual é um ser que precisa de tratamento, pois está em estado de enfermidade. O fato de nas inúmeras fontes analisadas no decorrer da pesquisa o termo homossexualismo ser predominante em detrimento do termo homossexual, já é um indicador de que muitos carismáticos divergem da posição oficial do Conselho Federal de Psicologia que entende a homossexualidade como um traço da

personalidade humana. A construção de uma identidade sexual é um processo complexo que pode ser afetado e influenciado por inúmeros aspectos, inclusive, pelos meios de comunicação que acabam por projetar representações de tipos ideais que ao serem utilizados de forma generalizada e irresponsável acabam por motivar interpretações que não podem ser controladas pelo emissor da mensagem.

Entendemos que o receptor não é um ser passivo, mas nem por isso os meios de comunicação devem ser utilizados de forma irresponsável. A forma como a homossexualidade vem sendo tratada por membros da Renovação Carismática Católica, em especial pela Comunidade Canção Nova, tem se pautado por uma superficialidade que acaba por gerar distorções que pouco tem contribuído para uma maior tolerância à diversidade humana. O fato é que os discursos são colocados em circulação de formas diversas pelos grupos religiosos, em muitos casos retomando antigas representações, de maneira que é preciso analisar com cautela as maneiras pelas quais a sociedade tem se apropriado deles.

Conclusão

Ao disponibilizar esses discursos através dos meios de comunicação o espaço midiático torna-se mais um dos campos onde são travadas as disputas pela hegemonia discursiva entre os que condenam e os que defendem a homossexualidade. Os carismáticos acabam por estabelecer uma ponte cognitiva entre a tradição e a contemporaneidade pautada por valores científico/racionais, no entanto a internet não é a única forma de disponibilizar tais conteúdos e ao mesmo tempo dialogar com a contemporaneidade. Os meios de comunicação têm criado formas de interação responsáveis por promover transformações profundas na sociedade. John Thompson (1995) informa que antes do desenvolvimento da imprensa a transferência do conteúdo simbólico se dava face a face. Com o advento não só da imprensa, mas também dos demais meios de comunicação, as formas de interação foram modificadas promovendo inúmeros impactos na sociedade, como por exemplo, a visibilidade dos sujeitos que não estão mais limitados ao espaço físico que ocupam. A influência da mídia se dá através de múltiplas formas e quando analisamos uma conjuntura contemporânea é fundamental reconhecer a importância da mesma, já que, enquanto transmissores de conteúdos simbólicos não são neutros nos posicionamentos que assumem e disponibilizam ao público.

As fontes analisadas provêm de sites da Renovação Carismática e muitas delas originalmente foram disponibilizadas no formato de livros e palestras, que depois se tornaram CDs e algumas ainda assumiram o formato de textos postados no Portal Canção Nova ou em blogs de lideranças do movimento. Essa convergência das mídias acaba por favorecer a transformação desse conteúdo simbólico em mercadoria, além de permitir que o mesmo se torne acessível, quase que por tempo indeterminado, a qualquer pessoa. “De uma forma profunda e irreversível o desenvolvimento da mídia transformou a natureza da produção e do intercâmbio simbólicos no mundo moderno” (THOMPSON, 1995 p. 35).

A análise das fontes permitiu concluirmos que os receios e inquietações presentes na sociedade brasileira acerca da homossexualidade têm estimulado inúmeros debates, assim como posicionamentos e práticas que variam da defesa à rejeição. Foi possível perceber que ainda não superamos antigas representações sobre o tema. Ao mesmo tempo estas representações são alimentadas gerando produtos que são consumidos por esta mesma sociedade em uma conjuntura que anseia por informações em decorrência dos questionamentos estimulados pelos debates. Criou-se assim uma demanda que passou a ser suprida pelos grupos socialmente autorizados para fornecer as respostas aos anseios por respostas.

Pierre Bourdieu (1974) menciona a possibilidade de pensarmos a religião em uma perspectiva científica, partindo da linguagem enquanto um instrumento de comunicação responsável por produzir sistemas simbólicos que organizam o mundo a partir de uma lógica de inclusão e exclusão. A construção de um sistema de crenças e práticas religiosas seria responsável por estabelecer um modelo de gestão dos bens de salvação que cria um monopólio de um grupo sobre outros.

O Brasil é um exemplo de como a Igreja Católica exerce influência no cenário social e por isso é inevitável que existam tensões e divergências entre a perspectiva religiosa e aquela pautada pelos direitos humanos laicos. Esta tensão gera excessos de ambos os lados: os grupos que representam os homossexuais tendem a fazer uma leitura radical dos grupos religiosos estabelecendo uma homogeneização das condutas. De outro lado os grupos religiosos defendem o seu direito de livre expressão em prol de uma cultura sexual pautada pela heterossexualidade prevista na moral cristã, acusando os grupos de defesa dos direitos humanos de propor uma “ditadura homossexual”. Em meio aos debates ressurgem antigas representações acerca de uma homossexualidade patológica que ao mesmo tempo gera recusas e adesões.

Entendemos que grupos ligados à Renovação Carismática ao fazer uso de argumentos religiosos para condenar a prática homossexual incorporam discursos sociais e políticos. Para analisá-los optamos por buscar compreender a conjuntura social em que esses discursos se inscrevem de maneira que foi possível atingir a dimensão de seus usos e efeitos no corpo social. Analisar como esses discursos encontram receptividade junto aos brasileiros é uma forma de buscar a compreensão sobre a própria sociedade na contemporaneidade. Na obra *Apologia da História*, Marc Bloch (2001) sugere que novos tempos exigem novos questionamentos. A História é dinâmica e como tal, o próprio historiador precisa ser acima de tudo um explorador em constante movimento dialogando sempre com outras áreas do conhecimento. Para Bloch o passado é analisado através do presente, mas o presente bem referenciado e definido pode ser compreendido através do passado.

Vivenciamos uma época em que a informação tem se propagado com uma imensa rapidez devido à atuação e o constante aprimoramento dos meios de comunicação. Os grupos religiosos, já há algum tempo perceberam o impacto que os mesmos têm sobre a sociedade e desde meados da década de 1980 buscam aprimorar a sua utilização enquanto ferramenta destinada à evangelização.

Segundo Douglas Kelnner, uma das formas mais apropriadas de se produzir uma análise crítica sobre as mídias é buscar compreender “como a indústria cultural cria produtos específicos que reproduzem os discursos sociais encravados nos conflitos e nas lutas fundamentais da época” (KELNER, 2001, p.12). Nestas lutas que muitas vezes fazem uso de representações sobre grupos específicos são elaborados os dispositivos necessários pelo estabelecimento das relações de dominação.

Ao manter em funcionamento um discurso acerca da homossexualidade que estimula antigas representações e que reforçam os posicionamentos historicamente assumidos pela Igreja Católica, paradoxalmente, também emerge das fontes um discurso que busca adaptar-se à conjuntura de fragmentação das identidades entendidas como fixas pelos carismáticos. As fontes demonstram que existe uma busca pelo diálogo com a diversidade sexual ao propor uma solução para o que é considerado um problema. A proposta é a cura que conduz o sujeito ao molde carismático da sexualidade humana. Finda a exposição permanece um questionamento: em que dimensões o termo Renovação se aplica aos carismáticos?

Fontes

ABIB, Jonas. *Canção Nova Uma Obra de Deus: nossa história, identidade e missão*. Editora Canção Nova, 2010.

AQUINO, Felipe. *Os homossexuais são nossos irmãos*. Disponível em www.cancaonova.com. Acesso em 23 de Março de 2006.

CRUZ, Luiz Carlos Lodi. *Senado prestes a aprovar perseguição religiosa: Manifeste-se. Amanhã pode ser tarde demais*. Disponível em www.cancaonova.com.br. Acesso em 14 de Março de 2007.

DUNGA. *Afetividade e sexualidade*. Disponível em www.cancaonova.com.br. Acesso em 27 de agosto de 2006.

KRAUSE, Paulo Medeiros. *A lei da mordaza gay, os superdireitos gays, inconstitucionalidade e totalitarismo*. Disponível em <http://blog.cancaonova.com/felipeaquino/>. Acesso em 14/03/2007.

Bibliografia

ALMEIDA, Sérgio J. A. Homossexualidade em Perspectiva. IN: *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. Volume 8 - Número 2 – julho a dezembro de 1997. Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana.

ALISON, James. *Fé Além do Ressentimento: Fragmentos católicos em voz gay*. São Paulo: Editora Ver Curiosidades, 2010.

BACZKO, Bronislaw. “A imaginação social” In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BLOCH, Marc. *Apologia da história: ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOURDIER, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel . *História da Sexualidade: A vontade de Saber*. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRY, Peter. Da Hierarquia à Igualdade: A construção histórica da homossexualidade no Brasil. IN: *Para Inglês Ver: Identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982 p. 87 a 113.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ed. Rio de Janeiro: DT&A, 2005.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JODELET, Denise. (org.) *As representações sociais*. Tradução, Lílían Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2001.

KELLNER, Douglas. *A Cultura da Mídia: Estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: Edusc, 2001.

MACHADO, Maria das Dores Campos; PICCOLLO, Fernanda Delvalhos (orgs.) *Religiões e Homossexualidades*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

MC LUHAN, Marshall. Visão, Som e Fúria IN: *Teoria e Cultura de Massa*. 7ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MONDARDO, Marcos Leandro. *O Corpo enquanto “Primeiro” Território de Dominação: O Biopoder e a Sociedade de Controle*. Revista da Universidade Federal da Grande Dourados. Disponível em: www.bocc.uni.pt. Acesso em 25 julho de 2012.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2002.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1995.

TORRES, Marco Antônio. Os significados da homossexualidade no discurso moral-religioso da Igreja Católica em condições históricas e contextuais específicas IN: *Revista de Estudos da Religião – REVER*. São Paulo, Revista Eletrônica.